

**ACTAS**  
**IV CONGRESO INTERNACIONAL**  
**CÍSTER**  
**EN PORTUGAL Y EN GALICIA**

**TOMO I**



Organización:  
D. Miguel Ángel González García  
D. José Luís Albuquerque Carreiras

**LOS CAMINOS DE SANTIAGO**  
**Y LA VIDA MONÁSTICA CISTERCIENSE**

BRAGA - OSEIRA 2009

## **A ESTRADA DE SANTIAGO A SUL DO TEJO: A MÍSTICA APOSTÓLICA E COMBATIVA NO MOSTEIRO DE S. BENTO DE CÁSTRIS**

ANTÓNIA FIALHO CONDE<sup>1</sup>

### **A representação feminina na Ordem de Cister e a história da Igreja**

O monaquismo feminino afirmou-se paulatinamente no panorama da cristandade medieval. De facto, igrejas e espaços monásticos começam a proliferar e as Ordens religiosas, pensadas para o braço masculino, através dos seus órgãos decisores, admitem cada vez mais a presença feminina<sup>2</sup>.

Se as aspirações religiosas são fundamentais para a fundação de um mosteiro, elas são insuficientes, pelo que implantação das casas femininas não foi um movimento contínuo, conhecendo grandes oscilações. À acentuada implantação nos períodos merovíngio e carolíngio sucedeu-se uma clara quebra nos inícios do segundo milénio, a que o século XII tentaria responder. Para o monaquismo cisterciense feminino, o seu período áureo situa-se entre 1230 e 1250. A partir de finais do século XII, com a multiplicidade de solicitações, a Ordem começa a aceitar comunidades que se organizam segundo o modelo masculino, justificando-se desta forma o crescimento no século XIII<sup>3</sup>, até c. 1280.

---

<sup>1</sup> Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade de Évora; Investigadora do CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora).

<sup>2</sup> Georges Duby sublinha o papel dos espaços monacais femininos na medievalidade na profunda alteração do paradigma social. Cf. Georges Duby e Michelle Perrot, «Écrire l'histoire des femmes», dans Georges Duby et Michelle Perrot (dir.), *Histoire des femmes en Occident*, I, Paris, Plon, 1991.

<sup>3</sup> Até 1220, as codificações legislativas cistercienses ignoraram as monjas; muitos mosteiros seguem os preceitos de Cister, sem estarem ligados à Ordem. Considerando, aliás, os mosteiros de ambos os sexos, se nos primeiros quarenta anos do século XIII houve um ritmo de 20 a 25 novas casas por decénio, no período após 1240 desceu para um ritmo de 10 a 15. Cf. Marcel Pacaut, *Les moines blancs. Histoire de l'Ordre de Cîteaux*, Paris, Ed. Fayard, 1998.

Ainda assim, as fundações eram bastante raras: era mais comum a incorporação na Ordem de mosteiros vizinhos. Ao mesmo tempo, nos mosteiros femininos assistia-se ao respeito pela observância mesmo antes de as comunidades fazerem parte da Ordem, havendo ainda casos de cenóbios que se associavam a outro mosteiro feminino da Ordem ou a entrada em acordo com uma comunidade masculina, ficando o mosteiro nela afiliado sem que o Capítulo Geral tivesse conhecimento.

### As monjas bernardas de Évora num contexto de reconquista cristã: a ideia de apostolado e de combate ao longo da sua história

“ (...) Não foi a princípio [o mosteiro de S. Bento de Cástris] sumptuoso nem rico de bens patrimoniais por não ter particular fundador e Dotador que o engendresse; porem todavia chegou depois com a devoção das gentes e Dotes das Religiosas que entravão a ser hum dos Mosteiros bem de todos que há neste Reino e havendose fundado a sua Igreja na era de Cezar de 1366 que he o anno de Christo de 1328 como consta da obrigação do proprio Mestre que a fundou no mesmo Lugar onde estava a ermida de S. Bento. Tem hoje todas as officinas necessarias e 70 sellas em que vivem e assistem as Religiosas que ao prezente são 47 tendo o dito edeficio largura para todas as que de novo se quizerem derigir e tendo além disso casas em que assistem as seculares e as criadas e hum grande Pateo em que esta o Hospicio dos Padres, Confessor, Capelão e Feitor além das mais cazas para todos os comensais do Mosteiro e huma grande cerca toda murada de fortes e antigos muros que bem dam a conhecer a sua antiguidade, com muito arvoredado dentro silvestre e frutífero e huma orta pegada a dita cerca tambem murada cujos frutos se consomem na comunidade. (...)” B.P.E., Livro 9 Fundo S. Bento de Cástris, doc. 1 [descrição de inícios do séc. XIX]

O mosteiro de S. Bento de Cástris foi o primeiro na história religiosa da cidade de Évora, se considerarmos a sua história eremítica inicial (1169), sendo também a primeira comunidade que se instalou fora das muralhas medievais, cumprindo as exigências de retiro do mundo<sup>4</sup>. Como mosteiro feminino, em tempos de insegurança política e militar, a sua história inicial está relacionada com a provação constante a que estavam sujeitas as mulheres que escolhiam o afastamento do mundo. Por outro lado, se as Casas congéneres em Portugal, como Arouca, Lorvão e Celas, têm a sua história directamente relacionada com

<sup>4</sup> Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses – Conventos de Freiras, 1.ª Parte*, Évora, Minerva Eborense, 1886.

o poder régio, nas pessoas das respectivas fundadoras, as Santas Princesas, a história do monaquismo feminino a Sul do Tejo foi diferente, pois eram também diferentes os contextos socio-económico, político-militar e religioso em que estava inserido. Efectivamente, o domínio do território a Sul pertencerá às Ordens Militares, sendo os laços de feudalidade muito escassos: encontramos neste mosteiro um exemplo da afirmação da pequena nobreza local, que, a breve trecho, encontraria dentro da própria cidade mais ofertas para o futuro das jovens donzelas. Por fim, a humildade das suas instalações e o afastamento físico da Casa-mãe ditariam a urgente necessidade de reforma a partir do primeiro quartel do século XVI, reforma essa coincidente com outras de âmbito mais vasto, a da abadia de Alcobaça, com o surgir da Congregação Autónoma, e a da própria Igreja católica, com a intervenção do Concílio de Trento.

É no contexto pós-tridentino que pretendemos situar o nosso discurso, apreciando a ideia de peregrinação, e como ela, enquanto *caminho simbólico*, pode também ser assumida como *peregrinação de vida* dedicada à religião, no caminho da perfeição dentro do espaço claustral, e que conseguia triunfar do quotidiano e do mundo tangível nomeadamente através da escrita. Ao mesmo tempo, pretendemos frisar a importância de um espaço religioso feminino cisterciense que se implantou numa região recém-conquistada, o que fez com que a comunidade religiosa de S. Bento de Cástris fosse, ao longo da sua história, uma comunidade acostumada a lidar com adversidades várias, num continuado esforço tanto de fixação num espaço físico fora dos muros do burgo como de conquista de população monástica, uma verdadeira missão apostólica que, a partir de meados do século XIV, conheceu espaços concorrenciais no interior da cidade de Évora.

Começamos pela ideia de *estrada de Santiago*, que é assumida em Portugal tanto no vocabulário erudito como no popular. No primeiro, é entendida como a nossa galáxia (via Láctea), formada há c. de 5500, e que faz parte de um grupo de outras galáxias, entre as quais a de Andrómeda, e que comportam galáxias satélites, registadas pelos antigos desde pelo menos o século X. Assume-se também que esta designação tem a ver com o facto de ser uma referência para os peregrinos que se deslocavam a Compostela, particularmente os do caminho francês.

Também na literatura portuguesa Aquilino Ribeiro, entre outros, imortalizou este tema, tratando-o num conjunto de novelas e contos precisamente intitulados como “estrada de Santiago”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago: novelas*, Livraria Bertrand, 1956, 6ª ed.; *Idem, Estrada de Santiago: contos*, Livraria Bertrand, 1922, 4ª ed.

No sentido estrito do termo, tenhamos sobretudo em conta os estudos feitos sobre a peregrinação a Santiago de Compostela, e os que seguem ou seguiram esse caminho, que obviamente comportava rotas passando por Évora; nesta cidade e região, alvo do interesse recente de alguns estudiosos sobre os caminhos de Santiago no interior (côncios também do seu valor patrimonial), são contabilizados para os períodos medieval e moderno uma rede de c. de 12 hospitais e estalagens de assistência, além de todo um mundo que se materializa em 10 igrejas com invocação a S. Tiago e diversos objectos de arte relacionadas com o seu culto (escultura e pintura, invocadoras de S. Tiago Peregrino e de S. Tiago Matamouros).

Para os não-eruditos, *a estrada de Santiago* afirma-se claramente no firmamento, sobretudo nos dias de luar, fazendo sentir quem a observa que faz parte do Cosmos. Este caminho, traçado no firmamento, é, por outro lado, fonte de sonhos e visões, possibilitando o contacto com o Divino, muito em particular nas comunidades contemplativas. Efectivamente, que são elas mais que peregrinos e peregrinas que buscam, com pleno sentido Bernardino, o caminho da Perfeição?

A inspiração na mística santiagouina percorre toda a nossa história, fazendo parte do nosso património, e que continua a ser fonte de inspiração. Conforme diz Emílio Teixeira Lopes<sup>6</sup>, “ (...) nós, os Terrenos, estamos em constante diálogo com o espaço etéreo, com a divindade, ousando chegar à ascensão e a fazer parte do Divino, do todo. São esses diálogos que são apresentados nas mais variadas vertentes, entre os peregrinos e as gentes que habitam o planeta Terra e que percorrem os Caminhos de Santiago, ultrapassando as dificuldades que se lhes deparam para crescerem com os diálogos até lograrem o seu objectivo. (...)”.

O Padre Manuel Bernardes, figura essencial para a compreensão do monaquismo feminino em Portugal no período moderno, apresenta também uma definição para essa *estrada* “ (...) A que nós chamamos no firmamento

<sup>6</sup> O arquitecto António Emílio Teixeira Lopes comentava assim uma exposição de pintura e desenho de Álvaro Rocha, cujo tema foi precisamente “Estrada de Santiago”, patente na Oficina Cultural do Instituto Politécnico de Viseu entre 14 de Dezembro de 2007 e 13 de Janeiro de 2008. Acrescenta o arquitecto: “ (...) Os caminhos de Santiago, vocacionados para aqueles que buscam paz no seu interior, vivendo experiências únicas de comunhão com o Cosmos estão retratados nesta exposição em todo o seu esplendor. (...) A “Estrada de Santiago” é a via-láctea, caminho traçado nos céus, caminho esse que alimenta sonhos e visões que nos põe em diálogo com o divino. Podemos apreciar o Divino, representado pela imensidão dos céus que não são mais que o reflexo do que se passa cá em baixo no nosso Planeta, os relevos, as paisagens, as pessoas. (...)” [http://portal.ipvc.pt/portal/page/portal/ipvc/ipvc\\_noticias/ipvc\\_noticias\\_2007/ipvc\\_alvaro\\_rocha\\_estrada\\_santiago](http://portal.ipvc.pt/portal/page/portal/ipvc/ipvc_noticias/ipvc_noticias_2007/ipvc_alvaro_rocha_estrada_santiago), acesso a 25 Agosto 2009.

estrada de Santiago, os latinos via láctea, e o gregos galáxias, ou faxa, da cor como de algodão raro, ou leite derramado (...). Hoje já consta que não é outra coisa mais que uma innumerável multidão de estrelinhas juntas que misturam a sua luz umas com as outras; assim como uma amendoeira florida, vista de longe, parece um só ramalhete alvejando”<sup>7</sup>.

Mais tarde, o P. Raphael Bluteau também nos oferece a sua definição:

“Estrada de Santiago. Assi chama o vulgo aquella confusa multidão de estrelas, a que os Astronomos chamão *Via Lactea*, ou com nome Grego *Galaxia*, & segundo a opinião de alguns Etymologos, confundio o Povo *Galaxia* com *Galiza*, e chamou à *Via Lactea*, estrada de Santiago de Galiza. E segundo outra especulação chama o vulgo á *Via Lactea* caminho ou estrada de Santiago, por imaginar que por aquella via foi Santiago ao Ceo (...)”<sup>8</sup>.

### O contexto pós-tridentino e as comunidades regulares

Nas ordens contemplativas femininas, a renovação religiosa emanada de Trento reforçou a sua vocação tradicional de separação do mundo. Foi um período de intenso fervor espiritual, com novas vocações, que possibilitam novas fundações, e que, no panorama cisterciense português, significou não só um maior esplendor de casas de fundação medieva, de que destacamos Arouca e Lorvão, mas também o surgimento de novos mosteiros femininos: a Sul do Tejo, S. Bernardo de Portalegre e a Piedade de Tavira. Porém, no período assinalado regista-se uma crescente dificuldade de sobrevivência das chamadas ordens contemplativas, até porque o mesmo Concílio abria caminho à missão caritativa e educativa das comunidades (as chamadas ordens activas). De facto, se o século XVII foi um século com algum sucesso, a partir da segunda metade do XVIII as Casas cistercienses portuguesas viriam a conhecer um processo de declínio que acabaria por conduzir à morte anunciada pela legislação de 1833 e de 1834.

A Contra-Reforma católica acentuaria, em termos espirituais, a importância do ascetismo, onde a religião como opção de vida ganhou sentido, ao lado dos exercícios de penitência e da ideia das obras meritórias, justificando

<sup>7</sup> Manuel Bernardes, *Nova floresta: ou, Sylva de varios appOthegmas e ditos sentenciosos, espirituas e Moraes, com reflexões em que o util da doutrina se allia com o vario da erudição, assim divina como humana*, Chardron, 1909.

<sup>8</sup> Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 – 1728, Vol. 3, p. 329.

o próprio estado monacal. Na piedade cristã, em Portugal, como na generalidade da Europa Católica, os mistérios dolorosos da Paixão de Cristo assumem uma importância decisiva, orientando e reorientando devoções, privilegiando um ideário de piedade e de ascetismo<sup>9</sup>. Oração mental, comunhão frequente, estender o sentido de piedade ao maior número de fiéis, a solidez da dicotomia fé-confiança, tornam-se, assim, pedras de toque do designado movimento pietista português<sup>10</sup>.

Sobre o universo feminino, o século XVII propicia também os extremos, onde revelações e visões, personificadas por mulheres a partir de matérias doutrinais ouvidas, por exemplo, no púlpito; tal cenário acaba por conduzir à exacerbação religiosa e a um protagonismo feminino poucas vezes alcançado pela mulher, numa sociedade também ela necessitada de novos protagonistas<sup>11</sup>. Os relatos de vidas edificantes, vindos de figuras que militavam por uma causa, a defesa das suas virtudes cristãs, tornam-se paradigmas para a cristandade. Notemos, ainda que o contexto dos séculos XVI/XVII foi também o chamado tempo das *alumbradas*, essencialmente um movimento religioso de tipo quietista e antimonacal, de influência protestante, que apelava à leitura da Bíblia sem meditações. Em Portugal são constantes deste movimento (essencialmente ligado a beatas, com eco em especial em Lisboa), o recolhimento, as visões, a clandestinidade a que a Inquisição procurava obstar, a desvalorização da humanidade de Cristo em favor da sua divindade e a oração vocal<sup>12</sup>.

Este é também o século das grandes vocações religiosas, em que a sociedade não tolera o adultério feminino, e em que a castidade da mulher é considerada um estado de inocência. Os conventos femininos devem ser nor-

<sup>9</sup> "(...) Os *Exercícios* de Santo Inácio, publicados em Coimbra em 1553, tiveram lugar de primeiro plano na reorientação do sentimento religioso em Portugal. A sua influência enrincheirou a oração mental na fase primária de meditação imaginativa e discursiva, e, por outro lado, afastou da via mística círculos devotos importantes, incluindo alguns conventos femininos do ramo franciscano, concentrando a sua piedade no campo do ascetismo (...)" José Sebastião da Silva Dias, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal*, p. 451. O Autor considera ainda que a influência de Santo Inácio se fez sentir muito antes de S. João da Cruz ou de Santa Teresa de Ávila; acrescentemos que a primeira impressão portuguesa da obra de Santa Teresa, *Caminho da Perfeição*, em 1583, foi feita em Évora.

<sup>10</sup> Cf. José Sebastião da Silva Dias, *Op. Cit.*, pp. 358 e seguintes.

<sup>11</sup> A exacerbação religiosa "(...) cristaliza en conductas extravagantes, donde la mujer parece tener un claro protagonismo, quizás como vía de afirmación personal y fuga hacia posiciones de libertad. Cumplieron una función fundamental: convertirse en taumaturgos y dar respuesta a una sociedad que necesitaba portentos cada día. (...)". Luis E. Rodríguez-San Pedro; José Luís Sánchez Lora, *Los Siglos XVI-XVII. Cultura y Vida Cotidiana*, Madrid, Ed. Síntesis, 2000, p. 222.

<sup>12</sup> Sobre a questão do iluminismo, enquanto corrente do sentimento religioso de cariz eminentemente popular, e a influência espanhola no fenómeno iluminista português, cf. José Sebastião da Silva Dias, *Op. Cit.*, pp. 363-407.

teados pela ideia de virtude. Assistimos a uma valorização da espiritualidade baseada na oração e no silêncio, na ascese e na libertação da alma, visando o encontro com Deus, ideia basilar do pensamento de S. Bernardo.

A pureza feminina, e a sua valorização, levam a que o século de Seiscentos, em termos de religiosidade, exija primordialmente o voto de castidade e a clausura perpétua, que o completava, havendo tendência para secundarizar os votos de pobreza e obediência. A clausura, no contexto pós-tridentino, é condição de vida monástica, ou melhor, para a própria renovação da vida monástica: as ordens estabelecidas possibilitam, através da vida conventual, novo florescimento, coroado com a ideia do *casamento místico*<sup>13</sup>.

Na Europa do Antigo Regime, as cenas de penitência, em contexto religioso, facilmente conduziam à teatralização; o/a penitente ganhavam uma dimensão superior, sublimando o corpo: partilhar a dor e sentir a humilhação, era seguir o exemplo de Cristo. Este facto estava ligado também à tendência para uma piedade mais sensível, convidando à reflexão sobre Cristo particularmente no período da infância, bem como a uma nova projecção alcançada pelo culto à Virgem Maria. Por outro lado, ao longo do século XVII e na transição para o seguinte, a disciplina e as práticas ostentatórias a ela associadas, deram lugar a uma piedade cada vez mais pessoal e interior. Era a concretização de um ideário contra-reformista assente na devoção, na organização e na institucionalização, norteados também pelo espírito dos *Exercícios* de Santo Inácio, profusamente traduzidos e editados, e por isso mais acessíveis, a partir dos séculos XVII e XVIII.

Esta intensidade mística reflectia-se também na necessidade de aproximação a Cristo e à Virgem e no desapego do mundo que fez sair muitas monjas do anonimato. Em S. Bento de Cástris, para o século XVII são referidos nove nomes de monjas, num total nacional de trinta e sete monjas cistercienses, num contexto que as situa na esfera da santidade<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> "(...) Los grandes monasterios femeninos, tras las vicisitudes espirituales del siglo XVI, lentamente comienzan una reforma y reciben un nuevo impulso; el Concilio de Trento marca un hiato en la historia conventual femenina. Los decretos conciliares constituyeron la base teórica esencial sobre la que se sustentaron las fundaciones. El movimiento contrarreformista tuvo como objetivo primordial velar por la honestidad dentro del convento y en consecuencia se evitó a las monjas toda comunicación con el exterior, aplicando la prevención acordada por San Pío V en 1566, en la que se abolía cualquier regla, costumbre o privilegio que infringiera el aislamiento de las religiosas. Movido por este afán, Trento decretó la maldición eterna para todo aquel que violase la clausura, además de imputarle una condena por doble pecado mortal al que tras haber hecho juramento de este voto incumpliera dicho precepto. (...)". Pilar Ríos Izquierdo, *Mujer y Sociedad en el siglo XVII a través de los avisos de Barrionuevo*, Madrid, Ed. Horas y Horas, 1994, p. 53.

<sup>14</sup> Fr. Bernardino de Soutomaior, *Flores Cistercienses do Jardim de Portugal*, Séc. XVII.

A reforma de Trento significou ainda uma maior exigência em relação à pureza primitiva das *Regras e Constituições*, sendo os mosteiros femininos espaço para uma mais rigorosa e estrita observância. As vocações religiosas aumentam, suscitando o aparecimento de uma literatura de carácter ascético e místico, bem como de obras com objectivos moralizantes. É o período em que o vocabulário mental desenvolve ideias como a da *Perfeita Religiosa*, da mortificação dos sentidos, dos orientadores espirituais, da recomendação da oração mental, das mortificações, das mortes em santidade. Neste contexto, a formação das noviças nas comunidades tinha importância fulcral, daí que um dos ofícios de maior responsabilidade na comunidade monástica era o de mestra das noviças, tratando essencialmente de receber jovens ignorantes até acerca da essência da sua opção de vida. A decisão acerca das leituras a serem feitas era de extrema importância, podendo distinguir-se entre os livros que tendiam a torná-las cristãs (com temáticas próximas a *Guias de Pecadores*, livros de piedade de Santo Agostinho e de S. Bernardo), que deveriam ser os iniciais, e os que se propunham instruí-las na vida religiosa (como as *Meditações de Santa Teresa*).

Assim, a vida em comunidade acabava por significar uma aposta na actividade intelectual, particularmente na escrita, expressando-se de forma significativa a partir de finais do século XVI numa produção literária de cariz essencialmente religioso. Muitas destas obras produzidas pelas monjas não chegavam a ser publicadas, mercê muitas vezes do sentimento intrínseco de inferioridade em relação aos escritores. Essa produção expressava-se de variadas formas, como as hagiografias, biografias e autobiografias, as crónicas e as epístolas, os tratados de Teologia ou de ascética e mística, relatos de viagem (ainda que utópica) ou ainda as composições musicais. Desta ampla produção destacamos a poesia, visto ter sido um dos géneros mais escolhidos pelas monjas, podendo assumir temas de carácter religioso ou profano, expressando-se nos géneros literários da época, como os sonetos, os vilânicos, as décimas. Os temas preferidos, no entanto, são os dedicados à Virgem, ao Natal, à Paixão e Ressurreição de Cristo, ou a temas bíblicos, até aos que exaltavam a vida ascética e mortificação monacal.

São raros os conhecimentos acerca da produção literária feminina no período moderno em Portugal; porém, na aquisição de conhecimentos ao nível da leitura e da escrita a posição social ocupada era a principal determinante. Além disso, temos que da leitura à produção escrita continua a haver uma grande distância, e o claustro acaba por se tornar cada vez mais um espaço de libertação. Sem estarem sujeitas a tarefas domésticas, fazendo parte de uma comunidade internamente hierarquizada que libertava as religiosas do trabalho físico, assegurado pelas conversas ou pelas moças particulares ou da Ordem, num contexto

contra-reformista, em que a escrita pode, além das descrições simples do espaço envolvente ou dos relatos místicos das fundadoras<sup>15</sup>, ser por excelência um meio de contacto com o Divino Esposo, a inspiração liberta-se e traduz-se nas palavras, que acabam por chegar ao mundo secular através da obra impressa.

Em relação à leitura e à escrita, assinalemos o rigorismo apresentado, no século XVIII, quanto aos livros que deveriam circular nos mosteiros, sendo citados na documentação consultada apenas os mosteiros de monges. De qualquer maneira, em termos de achega para a compreensão da mentalidade da época, o Capítulo Geral de 4 de Maio de 1740, em que foi nomeado por *moto proprio* do Papa Benedito XIV o Padre frei Francisco Xavier para Geral e Reformador da Ordem, determinou que os livros a atribuir aos mosteiros de monges seriam distribuídos por cada um no primeiro Domingo da Quaresma, devendo, depois de lidos, ser passados a outros mosteiros<sup>16</sup>. Da biblioteca do mosteiro cisterciense de Évora, contígua, no edifício actual, ao Coro alto, constavam diversos exemplares que se enquadram nesta determinação, alguns deles localizáveis na Biblioteca Pública de Évora. São obras de inícios do século XVII e do século XVIII, onde, além do cronista da Ordem, frei Bernardo de Brito, constam autores como frei Martin de Torrecilla e o P. Manuel Bernardes, entre outros, estando também presente a escrita feminina, através da obra de soror Maria de Jesus d'Ágreda<sup>17</sup>. Gostaríamos de salientar que algumas obras desta Autora chegaram a fazer parte dos índices do Santo Ofício em Espanha, sob suspeita de simulação da santidade. Entre essas obras, consta precisamente a *Mística Ciudad de Deus*<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> Manuel Joaquim Moreira da Rocha, "Rainha Santa Mafalda: um modelo de perfeição. A construção da memória pelas monjas de Arouca no século XVII", in *Actas do Colóquio Internacional Cister, Espaços, Territórios, Poder*, Alcobaça, 1998, Vol. I, pp. 239-250.

<sup>16</sup> O Capítulo descreve as obras recomendadas: *Vida devota de S. Francisco de Sales*, de Frei Luís de Granada; *Exercícios*, do P. Alonso Ruiz; *Meditações da diferença entre o temporal e eterno retiro espiritual e espiritual exercício*, de P. Salazar; as obras do P. Piamonte; *Combate espiritual de doutrina cristã*, do Cardeal Belarmino; as obras do P. Manuel Bernardes, em especial *Pecador convertido*, *Lucerna Mística*, *Desenganos Místicos* e *Meditações*.

<sup>17</sup> Fr. Martin de Torrecilla, *Summa de todas las materias morales arregladas a las condenaciones pontificias*, Madrid, 1696, 2 vols. in fólho; Soror Maria de Jesus d'Ágreda, *Mystica Ciudad de Dios – Milagro de su Omnipotência*, Lisboa, 1681, 3 Vols. in fólho; Fr. António Arbiol, *La religiosa instruida con Doctrina de la Sagrada Escritura*, Madrid, 1734, 3 Vols. in quarto; Fr. Cristobal Lozano, *David perseguido e alivio de lastimados*, Madrid, 1674, in fólho; P. Manuel Bernardes, *Luz e calor – Obra espiritual*, Lisboa, 1724, in quarto; Fr. Bernardo de Brito, *Primeira parte da Chronica da Ordem de Cister*, Lisboa, 1602, 1ª ed., in fólho; Fr. Bernardino da Conceição, *O Ecclesiastico instruído scientíficamente na arte do canto-chão*, Lisboa, 1788, in quarto.

<sup>18</sup> Cf. Maria Helena Sánchez Ortega, "La mujer, el amor y la religión en el Antiguo Régimen", in *La Mujer en la Historia de España (siglos XVI-XX)*, *Actas de las II Jornadas de In-*

Além disso, importa salientar a importância da literatura de cariz moral e religioso na mentalidade feminina, bastante vigorosa ainda em finais do Antigo Regime<sup>19</sup>. De facto, e conferindo com a lista acima apresentada, os autores eram originários do meio clerical, dirigindo-se, em termos de discurso, para um público também ele religioso. São obras de cariz teológico e moral, poderíamos dizer de instrução nessas matérias dirigidas, por exemplo a confessores, mas que as mestras de noviças não podiam descurar, são sermonários, e, especialmente para as comunidades femininas, *Constituições*, *Regulamentos* e *Estatutos da Regra*, Pastoris dos padres gerais, e outras. A leitura destas últimas obras, normativas, destinava-se particularmente a mulheres que envergavam hábito, e estavam instruídas na leitura, normalmente religiosas professoras. Porém, a pregação e o confessorário eram também meios de fazer chegar estas mensagens, quer às comunidades monásticas quer ao povo que assistia às missas.

O mosteiro cisterciense de Évora apresenta o mais extenso fundo em livros de Coro<sup>20</sup>, com exemplares assinaláveis<sup>21</sup>, para os quais certamente terá contribuído o labor de Frei António de Araújo, confessor de S. Bento de Cástris na década de setenta do século XVII<sup>22</sup>. A natureza do espólio dos livros do

*investigación Interdisciplinario*, organizadas pelo Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, s.d., pp. 35-58.

<sup>19</sup> Cf. M. Victoria López-Cordón, “La literatura religiosa y moral como conformadora de la mentalidad femenina (1760-1860)”, in *La Mujer en la Historia de España (siglos XVI-XX)*, *Actas de las II Jornadas de Investigación Interdisciplinario*, organizadas pelo Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, s.d., pp. 59-69.

<sup>20</sup> José Augusto Alegria, *Biblioteca Pública de Évora - Catálogo dos Fundos Musicais*, 1977.

<sup>21</sup> B.P.E., Cód. 116, *Antiphonarium*, em que uma das iluminuras, em fundo azul, apresenta a figura de S. Bernardo, com hábito branco. Para José Augusto Alegria, algumas melodias, como a *Exultat*, de Sábado Santo, são consideradas de tradição moçárabe.

<sup>22</sup> “(...) Frei António de Araújo. Natural da Vila de Rua do Bispado de Lamego, professou o hábito Monachal Cisterciense no Convento de Salcedas onde brevemente fez taes progressos na observancia Religiosa que foy eleito pelos Superiores Mestre dos Noviços quando contava poucos annos de idade, sendo pouco depois Abbade do celebre, e antigo Convento de S. Pedro das Águias, e ultimamente no anno de 1678 das Religiosas de S. Bento de Castris pouco distante da Cidade de Évora, em cujo ministério não tendo acabado o triennio, com grande opinião de virtude terminou a vida. Foy insigne em formar caracteres para os livros do Coro debuxando com a penna como se fora pincel as letras iniciaes, e illuminando-as com ouro, e diversas cores. Raro foy o Convento em que habitou onde para o uso do Coro não deixasse muitos livros escritos em pergaminho, sendo tão elegantes as figuras da Musica, como as letras que nellas formava a sua pena, e pincel. No tempo que foy Bibliothecario da grande Livraria de Alcobaca escreveu com igual perfeição em papel imperial, *Index dos livros, e descripção dos Emblemas, e figuras, que na mesma Livraria estão*, cujo livro acabou no anno de 1636 e nelle se conserva.(...)”. Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1930, Tomo I, 2ª ed., p. 203.

mosteiro de S. Bento de Cástris é variada. *Livros de Officios e Breviários*, *Livros de Coro*, *Invitatórios* conforme o uso cisterciense, *Livros de Hinos*, *Antifonários*, *Saltérios*, *Leccionários*, *Martirólogos* e *Processionais* cistercienses compõem essa variedade. Não podemos também deixar de assinalar as coleções para uso pessoal de algumas abadessas<sup>23</sup> em finais do século XVIII.

Para a região de Évora temos alguns exemplos já estudados de produção literária feminina<sup>24</sup>, todos situados a partir da 2ª metade do século XVII. Entre as monjas que viram a sua obra publicada, ou pelo menos parte dela, temos em 1688, Soror Cecília do Espírito Santo, professora no convento das Chagas de Vila Viçosa; em 1758, do Convento de Santa Cruz, também de Vila Viçosa, Soror Tomásia Caetana de Santa Maria. Porém, já na primeira metade do século XVII a região de Évora, através de uma religiosa do mosteiro de S. Bento de Cástris esteve representada na literatura monástica feminina impressa. Trata-se da obra de D. Maria de Mesquita Pimentel, que viu a primeira parte da sua obra impressa em 1639<sup>25</sup>, intitulada *Memorial da Infancia de Christo, e Triumpho do divino Amor*.

Maria de Mesquita Pimentel era irmã de Escolástica da Silva e Lemos. Falleceu em 1661, com 80 anos de idade<sup>26</sup>. O contrato de dote de Escolástica, que

<sup>23</sup> B.P.E., Códices CXXXI/2-37 e CXXXI/2-38, com o mesmo texto, e que são apresentados como sendo para uso de D. Luísa Antónia Zuniga, abadessa do mosteiro. Af, são assinadas as Festas celebradas em S. Bento de Cástris. Das comuns à Igreja, referência para as do Natal, Circuncisão, Epifania, Páscoa da Ressurreição, Ascensão do Senhor, Espírito Santo, Santíssima Trindade e Corpo de Deus. Em relação a festas dedicadas a Nossa Senhora, as invocações são várias: do Desterro, da Purificação, da Anunciação, da Visitação, da Assunção, da Natividade, da Conceição, do Santíssimo Rosário. Por fim, os santos festejados no mosteiro eram o grande Baptista, S. Pedro e S. Paulo, S. Bernardo, S. Bento, Todos os Santos e Dedicção da Casa (da Igreja).

<sup>24</sup> Isabel Morujão, *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, Universidade Católica Portuguesa, C.E.H.R., Lisboa, 1995.

<sup>25</sup> Segundo Inocêncio, em Lisboa, na Oficina de Jorge Rodrigues, 1638. “(...) In 8º de X (innumeradas), 156 folhas numeradas só na frente. (...) esta enfiada de cantos mal possa classificar-se como poema de alguma genero determinado, pois que apparecem ahi violadas em tudo as regras e preceitos da arte, não deixa de ter seu merito pela ternura dos affectos, e singela elegancia da phrase em que está escripto, accusando na auctora dotes de não vulgar ingenho, e devota inspiração. A parte impressa é hoje pouco menos que desconhecida, porque os exemplares são rarissimos (...)”. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, pp. 141,143. Segundo o Autor, os exemplares manuscritos que viu estariam na coleção de poemas de Francisco de Paula Ferreira da Costa.

<sup>26</sup> *Monarquia Lusitana*, o que situaria o nascimento de Maria de Mesquita Pimentel em 1581; os dados do seu baptismo são cinco anos mais tardios.

surge na documentação como Escolástica da Silva Pimentel<sup>27</sup>, na altura com 14 anos, foi celebrado em Fevereiro de 1612; segundo este contrato, era filha de Luís Mesquita Pimentel e de Domingas da Silva, sendo seu tutor e dotador o tio, Francisco de Piemonte, meirinho da correição. Segundo algumas fontes<sup>28</sup>, a religiosa que hoje sabemos ter estado em Cástris era dada como pertencendo ao mosteiro cisterciense de Celas, e originária de Estremoz. Maria de Mesquita Pimentel nunca desempenhou no mosteiro o cargo de abadessa; foi duas vezes subprioressa (1637, 1643), uma vez deputada e escritã (1637, 1658), precisamente em períodos conturbados na história local e nacional.

A obra impressa, em verso de oitava rima, fazia parte do espólio do Cartório de Alcobaça, hoje integrada na colecção alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa, existindo também exemplar na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Nacional de Madrid. O da Biblioteca Pública de Évora não tem folha de rosto<sup>29</sup>. O livro, antes do discurso poético da Autora, obedece a uma sequência discursiva que o contextualiza. Assim, contem uma *Dedicatória* a Nossa Senhora<sup>30</sup>, depois um *Prólogo ao Leitor*, onde apresenta o propósito da obra, relatar a Infância de Cristo. Seguem-se dois sonetos, anónimos, dedicados à Autora, onde se referencia a sua obra, não só a impressa, como a que chegaria até nós apenas manuscrita (mas que, segundo o discurso apresentado, teria sido escrita antes)<sup>31</sup>. Seguem-se mais dois Sonetos, em louvor da Autora, por dois religiosos cistercienses, o primeiro deles em espanhol e com epigrama, da autoria do Dr. Fr. Luís de Sá<sup>32</sup> e o outro de Fr.

<sup>27</sup> B.P.E., Cód. CXXXI/2-2, Fl.221

<sup>28</sup> Jorge Cardoso, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, p. 442.

<sup>29</sup> B.P.E., Cota S.N., E 24, C.1. Este exemplar está autografado; a numeração e quantidade de fólios coincidem com os dados de Inocêncio.

<sup>30</sup> Destacamos do discurso da Autora "(...) Bem conheço soberanissima Senhora, quão indigna sou de aspirar a tanta alteza, se bem q. temerosa me alenta a feliz sorte que me coube de ser filha do melliflúo P.S. Bernardo, o mimoso de vosso peito, o querido de vossa alma, o peñhor de vosso coração, o unico principio, & meio, por quem seus filhos gozamos a prisão doce de vosso livre cativoiro, o que he luz da Igreja militante, & o corteção que co mais ricas prendas de vosso inestimavel fauor, vos admira na triumphante: por sua divina interceção espero recebais meus entranhaves affeitos q. em este assumpto vos consagro (...)"

<sup>31</sup> "A Senhora Maria de Mesquita Pimentel, que depois de escrever a Paixão de Christo, & Triumpho do diuino Amor, em oitaua rima, escreveu a Infancia de Chisto, & Triumpho do diuino Amor no mesmo verso".

<sup>32</sup> "Maravilla fatal de nuestra edad/ Ya feniz os mostrais em boz sirena:/ Despues q. en bibo fuego os dexó llena/ Minardo; de su ingenio, y santidad:/ Es tamos os ofrece la deidad/ Quitando Amor de vuestra dulce vena/ Piramides que exalçan vuestra pena,/ Memorias que eternizan de verdad./ Tentand la fama que hasta aora muda/ La boz ofrece ya, que al te[m]plo llama/ De sus aras por victima, el oluido:/ Raro tendreis el nombre, que sin duda/ Ingenio inuentará la antiga fama/ Y arte para os dar lo que es deuido."

Theodosio de Lucena. Os elogios à Autora sucedem-se, através de mais um soneto em espanhol, anónimo, "en loor de su estremada virtud, y celebre ingenio", cinco quadras do Padre João de Teve & Marmeleiro<sup>33</sup>, e por último umas décimas do Padre Luis Mendez<sup>34</sup>.

A estrutura da obra surge depois, desenvolvendo-se os 10 cantos a partir da oitava do Argumento, como surge sempre intitulado<sup>35</sup>. A parte impressa da obra acaba com a seguinte oitava (X, 81<sup>a</sup>): "Aqui, luz de minha alma verdadeira, / De vossa doce Infancia & santa vida, / Tem já fim esta parte, que he Primeira, / E no meu coração fica esculpida. / Fauorecei, Senhor, vòs a Terceira, / Pois que já vola tenho offerecida. / Aceitando o desejo, que se funda / Em vos offerecer logo a Segunda". Aqui se compreende a mensagem do soneto atrás citado, dando a Autora já por composta a terceira parte da obra, inspirada na Paixão de Cristo, que ficaria manuscrita, solicitando inspiração para a parte que faltava da trilogia, a relativa à vida de Cristo enquanto apóstolo.

Quanto à obra manuscrita, a história contida nos fólios iniciais do manuscrito conta um pouco do seu percurso. Na folha de rosto, além da data apontada da encadernação, 15 de Março de 1653, surgem os nomes do Dr. Francisco Jorge de Castro e de Gonçalo Lopes de Carvalho, possíveis possuidores. No verso do fólio, a indicação de que constaria da Livraria de Alexandre Metello de Souza Meneses. No Fl. 1, no rodapé, temos a indicação de outro local por onde o manuscrito circulou: Lisboa, Corpus Christi, de Carmelitas Descalços.

A sua estrutura, com uma Dedicatória (uma quadra) e um Prólogo (25 quadras), apresenta elementos de clara influência clássica. A 2<sup>a</sup> Parte, Vida

<sup>33</sup> Entre elas, temos a seguinte: "Taão bem sentistes a Deos, / Em quanto d'elle escrevestes, / Que bem mostrais que nascestes / Para as empezas dos Ceos".

<sup>34</sup> Diz na 2<sup>a</sup> " Nesta historia que teceis / Com artificio & saber, / Já não pareceis molher, / Mas Salamão pareceis: / Tal ventagem lhe fazeis / Nestes escritos que hei visto, / Qual faz a lua a Calisto, / Porque elle falla em figura, / Vós em realidade pura / Da grande Infancia de Christo." Na 4<sup>a</sup> e última "Perspectiua peregrina, / Vista de grande valor, / Que tão fundo resplendor / Sonda, copia, examina: / He dom, ó águia diuina, / De vosso Esposo sagrado, / Permittirse examinado / De vós, posto que no oriente, / Porque teue no nascente / Tanta luz, como eleuado".

<sup>35</sup> Canto I, 97 oitavas, acerca da criação do Mundo (das forças do Bem e do Mal, de Adão e Eva); Canto II, 91 oitavas, que têm como tema a Anunciação. No Canto III, com 104 oitavas, o nascimento de Cristo. No Canto IV, 83 oitavas, o tema central é o da Adoração do Menino. No Canto V, de 85 oitavas, destacamos o tema da Circuncisão ao 8<sup>o</sup> dia. O Canto VI, o mais longo, com 206 oitavas, trata da adoração pelos reis magos, aos 13 dias e do retorno a Nazaré. O Canto VII, de 85 oitavas, acerca de Herodes e da Fuga para o Egipto. No Canto VIII, de 78 oitavas, o tema é a matança dos Inocentes, e a infância de Cristo no Egipto. No Canto IX, com 97 oitavas, é focada a deslocação para Nazaré, por indicação divina. No Canto X, de 81 oitavas, o tema central é o do Menino entre os Doutores.



e Milagres de Cristo, é estruturada ao longo de XIII Cantos (1125 oitavas) e a 3ª, Paixão do Redemptor, em XI Cantos (965 oitavas), de oitavas decassilábicas com esquema rimático ABABABCC. Todos os Cantos têm uma oitava introdutória, sumulista, revelando a Autora, ao longo do discurso, não apenas um notável domínio vocabular e uma clara influência do ideário coevo, que transparece na escrita, como o conhecimento de episódios e personagens do mundo clássico, que eleger e evoca para ilustrar o discurso, e que não seriam de todo comuns na formação das religiosas suas contemporâneas.

Detivemo-nos ao longo do Códice, de que sublinhamos algumas oitavas, e que, pensamos, deixam transparecer o talento poético da Autora. No Canto II, com 88 estâncias e uma introdutória temos: “O arдил que em batalhas mais abone/ E declara o valor que o peito encerra/ Daquelle q. com Armas de Bellona/ A vitória pretende ter na guerra/ Hé imitador o filho de Latona/ Quando seu esplendor esconde a terra/ Encerrando no mar as luzes d’ouro/ Pera depois sair mais bello e louro” (Canto I, 1ª). Na quarta oitava é evocado o “invencível forte Marte”, bem como, na oitava, a figura de Lúcifer, no sentido da sua derrota. Num quadro de Apocalipse, são evocadas as forças da Natureza (água e animais) na sua força devastadora. Na 14ª oitava é traçado o seguinte quadro: “ (...) Neste terrível tempo em que aquário/ Os seus diluvios d’agoa vem lançando/ E Orion soberbo e temerário/ A lus do belo sol vai eclipsando/ Quis o divino amante solitário/ Que fosse em tal lugar mais scintilando/ De seu suave amor ardente chama/ Que sempre mais padece quem mais ama”, que se prolonga até à 18ª: “Vinha a serpe feroz do livre monte/ e loguo o bravo Assírio elefante/ vinha o indio cruel Rynoceronte/ e o Tigre que era a elle semelhante/ o Dragon que aos monstros de Phaetonte/ juntos mil tragaria num instante/ vossas Biboras em ira e fogo acezas/ e as feras leas Albanesas. (...)”

A mesma linha inspiradora, com a Bíblia como claro hipotexto, se encontra nas oitavas seguintes. Desta forma nos surge o diálogo entre Belzebu e Lúcifer, em plena disputa do fictício *morgado* que é a Terra, acerca da *humanidade* de Cristo, que contra eles combate. Na luta, Cristo vence as espadas de Lúcifer (primeira, a vã gula, segunda a vã glória e terceira a ambição), que, de joelhos em terra, Lhe oferece o mundo. É das sequências mais interessantes de todo o Poema: “Mostrando no valor ser sem seguido/Lhe mostrou num brevíssimo momento/ Quantos Reinos se estendem pelo mundo/ E todo seu principio e fundamento/ De America que o valor tem tão jocundo/ Lhe fez mui sotilmente apontamento/ Do Peru, Tucumão, que a acompanha/ Brazil, Paragai e a nova espanha.// Poslhe tambem a vista o es-

tandarte/ De Africa, q.do mapa tão lustroso/ He huma singular única parte/ Que mostra seu valor maravilhoso/ E o tropheo que nele se reparte/ Ethiopia, e o Congo magestuoso/ A cuja vista o preço seu não perde/ Manomotapa Angola e Cabo Verde.// Com o dedo lhe fez cosmografia/ De Azia nas potestates eminente/ Seos triumphos riqueza e valia/ O lustre des seus faustos excelente/ E vem grande aparato e bizarría/ Assi lhe debuxou mais sutilmente/ A provincia que leva, e que domina/ India, Arabia, magor, Japam e a China.// Ja a soberba europa a quem rodea/ Com suas salsas ondas o oceano/ E a quem ligando vai como em cadea/ O alto e largo mar mediterrano/ A Christo alli presente e encadea/ Pera ficar seu lustre mais ufano/ Italia com Pollonia, e Alemanha/ E com Hiberia, frança e a velha Espanha.” (Canto II, 84ª, 85ª, 86ª, 87ª)

Graciosamente, Maria de Mesquita Pimentel termina o Canto desta forma na oitava 103ª: “ Comsumição humilde e gloria immensa/ Depois de se celebrarem tal protento/ Primeiro ao senhor pedem licença/ E voando levam ao sacro assento/ Christo quer ir de si dar recompensa/ He eu que de o seguir já tanto intento/ Quero o plectro deixar e me levanto/ Pera aplicar a vos novo canto.”

O Canto III, de 102 estâncias (o quarto mais longo), constam os percursos de Cristo pela Palestina, avançando o discurso para o relato das bodas de Canaã, em que 4 donzelas (metaforicamente, a justiça, a harmonia, a modéstia e a temperança) se autodescrevem. A descrição da harmonia revela os conhecimentos da Autora não só a nível da música como da sua importância na vida das comunidades religiosas: “Sou entre todas Mestra de Capela/ de todo o seu guoverno tenho a chave/ por q. não pode aver muzica bella/ sem minha consonancia dosse e suave/ e se o compasso meu faltasse nella/ tam longe fora o canto de suave/ q. desentoado espantaria/ cauzando maio pena q. alegria”. (Canto III, 34ª).

No Canto IV é relatado o milagre do peixe para os mendigos e o castigo para os que, na Judeia, profanaram os templos cristãos. A Autora cita diversos legisladores ao longo da história (no Egipto, David e o filho Salomão), bem como o mal da ociosidade que se contrapõe aos bens que se alcançam pelo trabalho (com exemplos, como a Virgem que trabalha na almofada, David com os seus rebanhos e que viria a ser rei de Israel). No trabalho, destacavam-se os discípulos, pescadores, de onde se parte para o episódio de Pedro e André, que nada haviam pescado durante toda a noite, até que a manhã rompia: “Que à ora que as madeixas peregrinas/ da bella Aurora os Astros escurecem/ q. Aljofar vem vertendoo e perolas finas/ com q. as ligeiras nuvens enriquecem/ loguo este sol sahio co as divinas/ luzes selsteiais q.

lhe pertencem/ Por q. seu esplendor inacesivel/ Pode somente a elle ser possível” (Canto IV, 17<sup>a</sup>).

Pedro e André lançam de novo as redes, já desesperados: “O nova maravilha alto putento/ ó grandezas de Christo peregrinas/ subidas sobre o humano entendimento/ singulares supremas e divinas/ pois tanto que as lançou no salço argento/ e tocarão nas aguas neptuninas/ abrio Thetis as liquidas moradas/ e as fes de seu thezouro carregadas”; “Era hum assombro ver os nadadores/ sem sinal pelo mar caminho abrindo/ com fervido rumor e varias cores/ mais q. cristal e prata reluzindo/ huns piquenos e já outros maiores/ e os grandes e os miudos competindo/ todos juntos nas redes se metião/ com impeto tão grande que as rompião” (Canto IV, 29<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup>). Pedro agradece a Cristo, dizendo que a sua cabeça devia estar ornada com “(...) a coroa que traz Apollo bello (...)” (Canto IV, 39<sup>a</sup>), recomendando Cristo que Pedro continuasse a pescar homens e não peixes.

Já no episódio de Cristo no Templo, o discurso de Maria Pimentel dirige-se depois para a cobiça do Mundo. O Canto termina de forma idêntica aos anteriores, convidando, nos 2 últimos versos, para o novo Canto: “(...) para longe caminha e entre tanto/ me quero preparar pera outro Canto.”

Com 97 estâncias e uma introdutória, no Canto V são relatados diversos milagres de Cristo: ressuscita a filha do senhor de Jaire, dá saúde a Sara, permite que o paralítico volte a andar. Cristo ausenta-se da Judeia, “aquella cega gente”, e vai para Naim, onde busca “(...) hua empreza que cauza novo espanto / em cuja narração começa o canto”, conduzindo-nos a Autora para o Canto seguinte.

O Canto VI tem 80 estâncias, e uma introdutória, onde se relatam, entre outros episódios, a salvação de Pedro das águas. É descrita a grande tempestade que os discípulos enfrentam, onde, além das forças da Natureza, entram Proteu, Neptuno e Tritão. Nereu é encarregado de chamar as Ninfas, que traziam: “Acafates nas maons trasem de rozas/ Para q. Quando a Christo se chegassem/ Por prendas de vontades amorosas/ Com ellas desfolhadas lhe atirassem/ E a massa odorifera gozosas/ Para que os sacros pes seus lhe banhassem/ Trasião de ambar puro em christais claros/ Que amantes corações não são auaros” (Canto VI, 56<sup>a</sup>)

No Canto VII destacamos a estância introdutória: “Aquelle Deos immenso nas altezas/ Como nos seus poderes admirauel/ Magnanino e pottente nas riquezas/ Nas liberalidades inefabel/ Para mais ostentar suas largezas/ Em acodir a gente mizerauel/ De gloria e resplendor todo cuberto/ Fartou sinco mil homens no dezerto”. A Autora evidencia o simbolismo da hóstia: “Sacramento de graça e unidade/ Testemunho de Amor immenso interno /

Pam uyuo de immortal suavidade/ Penhor de gloria e gozo sempiterno/ Compendio da liberalidade/ Vidas das almas e thesouro eterno/ Manjar divino bocado confortável/ Maravilha de Deos mais admirável” (Canto VII, 55<sup>a</sup>).

No final do manuscrito, inédito, temos o desejo da Autora de imitar Cristo, num percurso de vida que visava trilhar o caminho do Céu: “Permiti bom Jesus pois referida/ Deixo aqui vosa vida milagroza/ Que empregue de continuo minha vida/ Em vosa imitação tão gloriosa/ Para que neste trato fenecida/ Seguindouos, eu cá affectuozas/ No Ceou os siga ô Cândido Cordeiro/ Domde sem fim reinais Deos verdadeiro”. [Acaba com um voto pessoal, cheio de significado e expressando fé na sua opção de vida, e já fora da oitava: *Assim o piritira Elle*]

Desta forma, a história do mosteiro no período moderno ficou marcada pela espiritualidade coeva, onde abundavam tanto os *Tratados de Clausura* como as biografias de virgens consagradas, religiosas de véu preto ou conversas, com diversos papéis na hierarquia dos mosteiros: de facto, tanto as acções reformadoras de preladas, que marcaram uma época nas suas comunidades, como a descrição da vida de religiosas simples, com relações mais intimistas com o divino, se tornam modelos a seguir<sup>36</sup>. Estes relatos são um importante testemunho da mentalidade seiscentista, e, em particular, do modelo cisterciense de vida ideal.

Ao mesmo tempo, desenvolvia-se a ideia de piedade afectiva, a crença de, através da vida religiosa, se alcançar uma maior aproximação pessoal e emocional com Cristo. Este ideário fora, aliás, já promovido por S. Bernardo, e mais tarde desenvolvido por S. Francisco de Assis<sup>37</sup>. Neste contexto, além dos relatores, normalmente ligados ou à Congregação de Alcobaça ou ao

<sup>36</sup> A espiritualidade cisterciense feminina desde muito cedo foi marcada por correntes fortes de pensamento: “(...) Dans les oeuvres des moniales cisterciennes se ressent aussi une fort influence de saint Bernard et de Guillaume de Saint-Thierry. La grande source de leur spiritualité était la liturgie, la célébration de l’Eucharistie et bientôt la dévotion au cœur du Christ. Les plus célèbres furent, dans l’actuelle Belgique, Ida de Nivelles (m. 1231), sainte Lutgarde (m.1246) et Béatrice de Nazareth (m. 1268). (...)”. Fr. Joël Regnard, *Abbaye de Cîteaux, “Cîteaux, esprit et pratique”, in Cîteaux, Dossiers d’Archéologie, Cîteaux, 1098-1988, L’épopée cistercienne*, Dijon, n° 229, Déc. 97-Jan.98, p. 30.

<sup>37</sup> “(...) affective piety was presented to women as a devotional mode peculiarly suited to female capacities, as there was understood in the late Middle Ages. Women, with their weak intellects and strong passions, were encouraged to mediate on the most intimately human and gripping immediate moments in the life of Jesus: his birth, suffering and death. (...)”. Daniel Bornstein, “Women and Religion in late medieval Italy: History and Historiography”, in *Women and Religion in Medieval and Renaissance Italy*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1984.

mundo religioso dos orientadores espirituais, e das religiosas dentro das comunidades, que queriam preservar os exemplos e se tornaram elas próprias relatoras e biógrafas, temos ainda as que, através da escrita, procuravam aperfeiçoar o seu estado espiritual.

No mosteiro de S. Bento Cástris são vários os relatos que nos ficaram da virtude e da dimensão espiritual de algumas das suas monjas, e que seguem essa lógica estrutural, como já apontámos. Também a exemplo de outras comunidades monásticas, os modelos de vida e de virtude se repartem não apenas pelas que desempenharam cargos de prelazia no mosteiro, mas ainda entre a comunidade leiga, as chamadas irmãs conversas. Percorrendo algumas das obras consideradas fundamentais neste contexto<sup>38</sup>, chegamos a alguns nomes que são citados em comum e que importa frisar, no chamado contexto das biografias espirituais.

Porém, terá sido porventura Maria de Mesquita Pimentel, através da obra poética que nos legou, impressa e manuscrita, das religiosas que melhor conseguiram inscrever o nome do mosteiro no mundo da religiosidade seiscentista. A sua inspiração, o próprio Cristo, de quem relata as etapas de vida na terra, na sua caminhada para o céu, e que toma como paradigma, dotam a sua escrita e a sua obra de uma notável *dimensão peregrina*.

## BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V., *La Introducción del Cister en España y Portugal*, Col. «Piedras Angulares», n.º 2, Editorial la Olmeda, 1991.
- ALEGRIA, José Augusto, *Biblioteca Pública de Évora – Catálogo dos Fundos Musicais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- ALGRANTI, Leila Mezan, «*Literatura religiosa e a biblioteca de uma mística brasileira no século XVIII*», in *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense, 1998, Vol. XIII.

<sup>38</sup> *Frei Luís dos Anjos*, Flores Cistercienses no Jardim de Portugal; *Frei Bernardino de Souto Maior* (monge cisterciense), *Flores Cistercienses do Jardim de Portugal. Elogios das Santas Thereza, Sancha e Mafalda, filhas d'El Rey D. Sancho I de Portugal*, Religiosas Cistercienses, e de outras Religiozas virtuosas da mesma Congregação; *George Cardoso*, Agiologia Lusitano; *Frei Bernardo de Brito* (cronista da Ordem de Cister) Crónica de Cister; *P. Círia Caxias*, Vidas de Santas y mujeres ilustres de la orden de san Benito; *Fr. M. Damián Yañes Neira* “*Cultura, santidad y crisis en los monasterios cistercienses portugueses*”, in *Ora et Labora, Ano XXVI*; *C. Henriquez*, Corona sacra de la religión cisterciense. *A nível da história local*, P. Francisco da Fonseca, Évora Gloriosa; *P. Manuel Fialho*, Evora Ilustrada.

- BEL, Maria Antónia, *La historia de las mujeres desde los textos*, Barcelona, Ed. Ariel Practicum, S.A, 2000.
- BERNARDES, P. Manuel, *Nova floresta: ou, Sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos, espirituas e moraes, com reflexões em que o util da doutrina se allia com o vario da erudição, assim divina como humana*, Chardron, 1909.
- BLUTEAU, P. Raphael, *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728, Vol. 3.
- BORNSTEIN, Daniel, “Women and Religion in late medieval Italy: History and Historiography”, in *Women and Religion in Medieval and Renaissance Italy*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1984.
- CAETANO, Marcello, “Recepção e execução dos Decretos do Concílio de Trento em Portugal” in *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 1965, Vol. XIX.
- CANABAL RODRÍGUEZ, Laura, “La aplicación de Trento en la vida regular: El convento femenino de San Clemente de Toledo”, in *Cistercium*, n.º 232, Zamora, Julho-Setembro de 2003.
- CARDOSO, George, *Agiologio Lusitano dos Sanctos, e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e Suas Conquistas*, Lisboa, Oficina de António Craesbeeck de Mello, 1666, Tomo III.
- DE GANK, Roger (osco), 2000, “El contexto religioso de las «Mulieres Religiosae»”, in *Cistercium*, n.º 220, Zamora, Julho-Setembro 2000.
- DERWICH, Marek, “Las monjas cistercienses de Bélgica vistas en el ambiente de la segunda ola de la espiritualidad cisterciense”, in *Cistercium*, n.º 219, Zamora, Abril-Junho 2000.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra- Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle, «Écrire l'histoire des femmes», dans Georges Duby et Michelle Perrot (dir.), *Histoire des femmes en Occident*, I. *L'Antiquité*, dir. Pauline Schmitt Pantel, Paris, Plon, 1991.
- FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Manuel, *Casadas, Monjas, Rameras y Brujas*, «col. Booket», Madrid, Espasa, 2005.
- LOPES, António Emílio Teixeira, *Estrada de Santiago*, [http://portal.ipv.pt/portal/page/portal/ipv/ipv\\_noticias/ipv\\_noticias\\_2007/ipv\\_alvaro\\_rocha\\_estrada\\_santiago](http://portal.ipv.pt/portal/page/portal/ipv/ipv_noticias/ipv_noticias_2007/ipv_alvaro_rocha_estrada_santiago), acesso a 25 Agosto 2009.
- LÓPEZ-CORDÓN, M. Victoria, “La literatura religiosa y moral como conformadora de la mentalidad femenina (1760-1860)”, in *La mujer en la His-*

- toria de España (siglos XVI-XX)*, *Actas de las II Jornadas de Investigación Interdisciplinar organizadas por el Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid*, Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, s.d.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1933, 4 Tomos.
- MORANT, Isabel (dir.); M. Ortega, A. Lavrin y P. Perez Cantó (coords.), *Historia de las mujeres en España y América Latina – El mundo moderno*, Madrid, Ed. Cátedra, 2005, Vol. II.
- MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, Universidade Católica Portuguesa, C.E.H.R., Lisboa, 1995
- NORBERG, Kathryn, “The Counter Reformation and Women: Religious and Lay”, in *Catholicism in Early Modern History. A Guide to Research*, Dir. Jonh O’Malley, S.J., Printed by Edward Brothers, by de Center for Reformation Research, St. Louis, Missouri, Michigan, 1998, Vol.2.
- PACAUT, Marcel, *Les moines blancs. Histoire de l’Ordre de Cîteaux*, Paris, Ed. Fayard, 1998.
- PEREIRA, Gabriel, *Estudos Eborenses – Conventos de Freiras, 1.<sup>a</sup> Parte*, Évora, Minerva Eborensis, 1886.
- REGNARD, Fr. Joël, “Cîteaux, esprit et pratique”, in *Cîteaux, Dossiers d’Archéologie, Cîteaux, 1098-1988, L’épopée cistercienne*, Dijon, n° 229, Déc. 97-Jan. 1998.
- RIBEIRO, Aquilino, *Estrada de Santiago: novelas*, 6.<sup>a</sup> ed., Livraria Bertrand, 1956.
- IDEM, *Estrada de Santiago: contos*, 4.<sup>a</sup>ed., Livraria Bertrand, 1922.
- RÍOS IZQUIERDO, Pilar, *Mujer y Sociedad en el siglo XVII a través de los avisos de Barrionuevo*, Madrid, Col. «Mujeres en Madrid», Ed. Horas y Horas, 1994.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da, “Rainha Santa Mafalda: um modelo de perfeição. A construção da memória pelas monjas de Arouca no século XVII”, in *Actas do Colóquio Internacional Cister, Espaços, Territórios, Poder*, Alcobaça, 1998, Vol. I,
- SÁNCHEZ LORA, José L., *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*, Madrid, 1988.
- SÁNCHEZ LORA, José L.; RODRÍGUEZ-SAN PEDRO, Luis E., *Los Siglos XVI-XVII. Cultura y Vida Cotidiana*, Col. «Historia de España – 3.<sup>o</sup> milenio», 13, Madrid, Ed. Síntesis, 2000.
- SANCHÉZ ORTEGA, Maria Helena, “La mujer, el amor y la religión en el An-

- tigo Régimen”, in *La Mujer en la Historia de España (siglos XVI-XX)*, *Actas de las II Jornadas de Investigación Interdisciplinario*, organizadas pelo Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, s.d.
- SILVA, Innocencio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862.
- SOUTOMAIOR, Fr. Bernardino de, *Flores Cistercienses do Jardim de Portugal*, Séc. XVII.